


Caderno de Resumos

II Encontro do Grupo de Estudo e Trabalho
em História e Linguagem



Linguagem no Mundo, Mundo na Linguagem

Departamento de História
Fafich – UFMG
Belo Horizonte
30 de Novembro – 1º de Dezembro
2011

Universidade Federal de Minas Gerais

Departamento de História

Caderno de Resumos
II Encontro do Grupo de Estudo e Trabalho
em História e Linguagem

Linguagem no Mundo, Mundo na Linguagem
(1ª Edição)

Luiz Arnaut, Márcio dos Santos Rodrigues, Renata Moreira
(Organizadores)

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Belo Horizonte
2011

Caderno de resumos : II encontro do Grupo de Estudo e Trabalho em História e Linguagem : linguagem no mundo, mundo na linguagem / Luiz Arnaut, organizador ... [et al.]. Belo Horizonte : Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2011. –

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-62707-28-5

1. Linguagem – História. I. Arnaut, Luiz. II. Grupo de Estudo e Trabalho em História e Linguagem.

CDD 409

Reitor da UFMG
Prof. Dr. Clélio Campolina Diniz

Diretor da Fafich
Prof. Dr. Jorge Alexandre Barbosa Neves

Chefe do Departamento de História
Prof^a Dr^a Cristina Campolina

Coordenador do Curso de História
Prof^a Dr^a Adriana Romeiro

Comissão de Organização
Luiz Arnaut
Renata Moreira
Márcio dos Santos Rodrigues
Elaine de Castro
Camila Lobato Rajão
Felipe Augusto Ribeiro
Olívia Gutierrez
Pedro Lüscher
Alexandre Bellini Tasca
Igor Cardoso
Mariana Paes Leme

Diagramação, Revisão e Arte
Márcio dos Santos Rodrigues
Luiz Arnaut
Renata Moreira

Capa
Reprodução de *Tower of Babel*
(Andreas Zielenkiewicz)

Realização
GETHL
http://www.fafich.ufmg.br/hist_lingua/

Apoio
Departamento de História

Sumário

Apresentação.....	5
Programação.....	6
30 de Novembro de 2011.....	7
01 de Dezembro de 2011.....	10
Comunicações.....	13
Índice de autores.....	48

Apresentação

O GETHL busca firmar-se como um grupo transdisciplinar. Na tentativa de superar a separação dos saberes da História e do campo dos Estudos da Linguagem, tem se situado num entrelugar que busca dar conta das formas pelas quais as estruturas sociais e linguísticas se influenciam reciprocamente e concorrem (nos dois sentidos do termo) para definir o mundo. Temos tentado compreender a língua como uma instituição social e também como uma forma de organizar o pensamento: novas práticas demandam novos vocábulos, novos vocábulos produzem novas práticas; a língua não só nos permite falar, como nos obriga a dizer. Nesse sentido, a alegoria da Torre de Babel nos parece provocante: de um lado a incomunicabilidade decorrente da pluralidade linguística; de outro, a utopia da língua universal. Na Torre, comprova-se a diversidade consequente do sem-número de práticas sociolinguísticas, mas, ao mesmo tempo, corporifica-se o eterno esforço da comunicação.

Partindo dessa proposta, o nosso II Encontro pretende explicitar as várias imbricações entre a linguagem e o mundo. Para construí-lo, reunimos trabalhos que se situem na interface entre história, literatura, linguística e sociolinguística e que girem em torno de um dos seguintes eixos: 1) relações entre literatura e história; 2) linguagem e fontes não-usuais; 3) linguagem e práticas sociais/históricas.

Neste caderno, encontram-se agrupados os resumos das comunicações apresentadas no evento.

Programação

30 de Novembro de 2011 – Quarta-feira

9h-12h	Conferência de Abertura – Auditório Bicalho		
13h-15h	Sessão 1A (Auditório Bicalho)	Sessão 1B (Sala F3020)	Sessão 1C (Sala F3046)
15h30-17h30	Sessão 1D (Auditório Bicalho)	Sessão 1E (Sala F3020)	Sessão 1F (Sala F3046)
19h-21h30	Oficina de Quadrinhos – Sala F3022		

01 de Dezembro de 2011 – Quinta-feira

9h-12h	Sessão 2A (Sala F3054)	Sessão 2B (Sala F3005)	Sessão 2C (Sala F3018)
13h-15h	Sessão 2D (Sala F3054)	Sessão 2E (Sala F3040)	Sessão 2F (Sala F3032)
16h-19h	Conferência de Encerramento – Sala F3054		
19h-21h30	Oficina de Quadrinhos – Sala F3022		

30 de Novembro de 2011

(Quarta-Feira)

Conferência de Abertura

A Poesia e a História

Prof. Dr. Jacyntho Lins Brandão (FALE/UFMG)

Auditório Bicalho – 9h-12h

Comunicações – 13h-15h

Sessão 1A (Auditório Bicalho)

“Liberdade pura”, movimentos sociais e política no Livro VIII da *República* de Platão – Igor Cardoso (UFMG/GETHL) – Coordenador [p. 30]

O estilo da História de Heródoto – Letícia Lopes Damasco (UFMG) [p. 36]

Thomas Mann e o homoerotismo grego – Daniel Barbo (UFMG) [p. 43]

Uma apropriação da cultura clássica grega no *Carnaval* de Manuel Bandeira – Serena Rocha (UFMG) [p. 46]

Sessão 1B (Sala F3020)

Gabriel García Márquez: jornalismo, literatura e a história de Cuba – Adriane Vidal Costa (UFMG) – Coordenadora [p. 27]

A construção do mito Eva Perón no conto “Esa mujer”, de Rodolfo Walsh – Letícia Malloy (UFMG) [p. 14]

Lux de Xul e algumas sombras: Apontamentos sobre a modernidade na obra de Xul Solar – Yara Augusto (UFMG) [p. 32]

Transculturação e memória num conto de García Márquez – Fernanda Valim Cortês Miguel (UFMG) [p. 45]

Sessão 1C (Sala F3046)

Autoficção e Fotografias de Belo Horizonte e La Plata: narrativas sobre a fundação de duas cidades-capitais – 1882-1897 – Rogério Pereira de Arruda (UNI-BH) – Coordenador [p. 20]

A escrita iconográfica: a vida do Profeta Elias no teto da Igreja do Carmo do Recife – André Cabral Honor (UFMG) [p. 16]

Ler os edifícios, apreciar os livros: relações entre a tratadística e a produção arquitetônica no período moderno – Mateus Alves Silva (UFMG) [p. 30]

Habitar a cidade: o espaço pontilhado – Maria Angélica Amâncio Santos (UFMG) [p. 27]

Comunicações – 15h30-17h30

Sessão 1D (Auditório Bicalho)

Castrioto Lusitano e a Guerra da Liberdade Divina – Mário Sérgio Pollastri (UFMG/GETHL) – Coordenador [p. 21]

A escrita peregrina: Etheria e sua *Peregrinatio ad Loca Sancta* (sec. IV) – Henrique Martins de Moraes (UFMG) [p. 16]

Judeus medievais e linguagem dos astros – Alexia Teles Duchowny (UFMG) e Simone Fonseca Gomes (UFMG) [p. 29]

Os Atos da Beata Rieti: O elogio da cidade numa hagiografia de São Francisco de Assis (Século XV) – Felipe Augusto Ribeiro (UFMG/GETHL) [p. 36]

Sessão 1E (Sala F3020)

A poesia com fonte histórica (notas em torno de uma questão) – Luiz Arnaut (UFMG/GETHL) – Coordenador [p. 17]

“Sobre o conceito de história” e sobre as narrativas literárias: a relativização do tempo na História e na Literatura – Carmen Cristiane Borges Losano (UFMG) [p. 43]

A escrita da História entre o fingir ficcional e a análise científica – Warley Alves Gomes (UFMG) [p. 15]

Os liames do historiográfico e do literário: uma leitura de *Caim* – Mariana Paes Leme (UFMG/GETHL) [p. 37]

Sessão 1F (Sala F3046)

Política para a Literatura e Literatura para a Política: sobre a produção literária e jornalística de Bernardo Guimarães (1859-1883) – Matheus da Cruz e Zica (UFMG) – Coordenador [p. 39]

As literaturas das vanguardas ou a literatura na era das catástrofes – Anderson Borges (UFMG) [p. 19]

Linguagem jurídica e história: reflexões a partir do Brasil do final dos anos 1930 – Mariana Silveira (UFMG) [p. 31]

O direito à desobediência civil em John Rawls – Luciana dos Santos Duarte (UFMG) [p. 35]

Oficina

A linguagem dos quadrinhos como prática social

Ministrante Márcio Rodrigues (Mestre em História – Fafich/UFMG)

Sala F3022 – 19h-21h30

01 de Dezembro de 2011

(Quinta-Feira)

Comunicações – 9h-12h

Sessão 2A (Sala F3054)

Outro intelectual se configura – discussões em torno do poeta midializado dos anos 80 – Renata Moreira (FACISA-BH/GETHL) – Coordenadora [p. 38]

As opiniões racializantes presentes em *Clara dos Anjos* e *Fera Ferida* – Adriana dos Reis Silva (PUC Minas) [p. 19]

Outros & Outras: a tradição literária brasileira nos romances de Ana Miranda – Berttoni Licarião (UFMG) [p. 38]

Cacau, de Jorge Amado: poética e mito na região – André Tessaro Pelinser (UFMG) [p. 21]

A caminho da literatura: a linguagem em Sérgio Buarque de Holanda – Lorena Lopes da Costa (UFMG) [p. 13]

Tradução: da dívida à dádiva – João Guilherme Dayrell de Magalhães Santos (UFMG) [p. 44]

Sessão 2B (Sala F3005)

O discurso do exílio intelectual: as revistas como espaços de sociabilidade intelectual de exilados cubanos – Pedro Lüscher (UFMG/GETHL) – Coordenador [p. 35]

A cultura contra Castro: a revista *La Habana Elegante* – Bárbara Siqueira Sena Dutra (UFMG) e Thiago Henrique Oliveira Prates (UFMG) [p. 15]

Dimensões culturais e políticas do exílio (1996 – 2009): revistas de exilados cubanos na Espanha e EUA – *Encuentro de la Cultura Cubana*, *La Habana Elegante* e *Revista Hispano Cubana* – Júlia Melo (UFMG) e Natália Freire Azevedo (UFMG) [p. 23]

Intelectuais, cultura e política em *Encuentro de la cultura cubana* – Luísa Barcelos (UFMG) e Natally Vieira Dias (UFMG) [p. 29]

Revista Hispano Cubana: cultura e política dos exilados cubanos – Caroline Maria Drummond (UFMG) e Mahira Caixeta Pereira da Luz (UFMG) [p. 42]

Sessão 2C (Sala F3018)

Contar História Em Sextas-feiras – Livia Guimarães (FNH/GETHL) – Coordenadora [p. 22]

Adagas, Poções, Jardins: Reflexões acerca do Dinamismo e Poder da fala autorizada (O Ismaelismo medieval no Islã e na Europa) – Paulo Renato Silva de Andrade (UFMG) [p. 18]

Dizer brasileiros, dizer portugueses: Investigações quanto a mudanças do discurso de nação – Alexandre Bellini Tasca (UFMG/GETHL) [p. 24]

Entre Gungunhana e Portugal a construção da nação de Moçambique – Camila Lobato Rajão (UFMG/GETHL) [p. 26]

História da língua, história do povo: um olhar sobre a comunidade surda brasileira – Renato Messias (CEFET-MG), Jerônimo Coura Sobrinho (CEFET-MG) e Débora Eliza Ferreira Calixto (PUC Minas) [p. 28]

Memórias póstumas de Brás Cubas como alegoria nacional – Vitor Cei (UFMG) [p. 33]

Comunicações – 13h-15h

Sessão 2D (Sala F3054)

Considerações sobre *Consciência e Linguagem* de John R. Searle – Maria Elvira Malaquias (UFMG) – Coordenadora [p. 22]

Popper e Fleck por Benjamin e Nietzsche: A fragilidade da verdade e do engano no discurso científico – Augusto Bruno de Carvalho Dias (UFMG) [p. 40]

Em busca de um método que seja montagem e desvio – Marília Carvalho (UFMG) [p. 25]

Vontade de potência: o procedimento intempestivo – Michel Mingote Ferreira de Ázara (UFMG) [p. 46]

Sessão 2E (Sala F3040)

Autoficção e Direitos dos Animais: análise do caso *Homem Animal*, de Grant Morrison (1988-1990) – Márcio dos Santos Rodrigues (UFMG/GETHL) – Coordenador [p. 20]

O cinema como produtor de conhecimento histórico: é possível uma escrita fílmica da história? – Luís Fernando Amâncio Santos (UFMG) [p. 34]

Relações homoeróticas em letras de música – Márcio Ronei Cravo Soares (UFMG) [p. 42]

Narrativa, escrita de si e dinâmica social: os diários de Carolina Maria de Jesus (1955-1961) – Alessandra Araújo de Souza (UFPB) [p. 33]

Sessão 2F (Sala F3032)

Um Febrônio belo-horizontino? O caso Guaracy do Nascimento – Luiz Morando (UNI-BH) – Coordenador [p. 45]

A “classe C ascendente” e as novas formas de segregação social no Brasil – Edson Junior Campos de Faria (UFMG) [p. 13]

Drama e burocracia em *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos – Ananda Nehmy de Almeida (UFMG) [p. 25]

Práticas sociais e históricas no léxico toponímico de Diamantina – Tatiana Martins Mendes (UFMG) [p. 41]

Conferência de Encerramento

Línguas da história: Michelet e a questão da linguagem
Profª Drª Maria Juliana Gamboji Teixeira (FALE/UFMG)
Sala F3054 – 16h-19h

Oficina

A linguagem dos quadrinhos como prática social
Ministrante Márcio Rodrigues (Mestre em História – Fafich/UFMG)
Sala F3022 – 19h-21h30

Comunicações

A caminho da literatura: a linguagem em Sérgio Buarque de Holanda

– Lorena Lopes da Costa (Mestranda em História, UFMG)

O presente trabalho pretende discutir a linguagem de Sérgio Buarque de Holanda, especificamente em sua obra *Visão do Paraíso*. Contemporâneo a Lucien Febvre e com um repertório que trafega entre Camões e Inca Garcilaso, Sérgio Buarque de Holanda debruça-se sobre a literatura fabricada na época dos descobrimentos, que inclui poesia, escritos de viagem, cartas, ensaios, para interrogar mitos enredados à mentalidade lusoquinhestista. Embora entender o mito como espaço de domínio da literatura exija algumas problematizações, não é possível, tampouco, desconsiderar que Sérgio Buarque pesca mitos ao recorrer à literatura, como quem acredita, por meio dela, poder acessar um universo revelador de como pensaram os homens coevos.

Segundo seu crítico, Ettore Finazzi-Agrò, Sérgio Buarque de Holanda transita entre linguagens e estabelece um método que, ambíguo, fica a meio caminho entre história e literatura, por se valer de figuras. O historiador, ao carregar no apelo às imagens e às metáforas ligadas a elas, estabelece um modo figural de pensar o passado, que é, por isso, diferente e, só por isso, capaz de ajustar o dado e a sua representação, operação que sempre desafia o historiador. Com esse traço de escrita, sugere o crítico, Sérgio Buarque de Holanda, não apenas frequenta a ficção para extrair dela informações sobre o passado, a fim de instrumentalizá-las para o uso no presente, mas ainda empurra seu discurso para a fronteira da história com a literatura, em função de seu cuidado extremo com as palavras e do apelo que faz ao visual.

A “classe C ascendente” e as novas formas de segregação social no

Brasil – Edson Junior Campos de Faria (Graduando do curso de Antropologia, UFMG)

Considerando o consumo como o principal fator de diferenciação social existente na sociedade capitalista, assistimos hoje um interessante fenômeno ocorrendo no Brasil: Pesquisas recentes demonstram que cerca de 19 milhões de brasileiros deixaram as classes D/E, de menor renda, e

agora estão na classe C, que concentra 53% da população do país. Com o aumento do crédito e a maior circulação de dinheiro, algumas classes que antes se encontravam totalmente à margem das grandes relações de consumo, atualmente já conseguem adquirir certos bens que em tempos passados estavam restritos à chamada “classe média”. Segundo outros levantamentos, o número de pessoas que viajam de avião subiu 115%, desde 2003 até o primeiro semestre de 2011. As vendas de automóveis vêm batendo sucessivos recordes nos últimos anos. Este fenômeno ocorre também em outros casos, como o acesso à internet ou a um curso superior, para citar apenas mais dois exemplos.

Existe, desta maneira, uma nova forma de convivência entre classes, ou grupos sociais no Brasil. Esta convivência não se dá sem conflito, a “classe média” tradicional tenta se diferenciar desta “nova classe C” a partir de outros parâmetros que não apenas o consumo. E se utilizam de uma linguagem legitimada socialmente para este objetivo.

Estes discursos excludentes ocorrem de várias maneiras, algumas vezes em veiculações da grande imprensa de forma sutil, e outras de forma violenta, como manifestações de preconceito social encontradas em redes sociais no ambiente virtual da internet. São manifestações que partem de grupos dominantes, que possuem legitimidade social para influenciar opiniões e, assim, reforçar as atribuições de estigmas negativos aos grupos mais pobres da população brasileira.

A construção do mito Eva Perón no conto “Esa mujer”, de Rodolfo Walsh – Leticia Malloy (Mestranda em Estudos Literários, UFMG. Bolsista CAPES)

Relatos históricos, biografias e registros da memória oral têm construído uma significativa gama de sentidos em torno de Eva Perón. Interpretações – não raro apaixonadas – atribuem àquela personagem histórica as condições de santa, prostituta, abnegada mãe de seu povo, perspicaz estrategista ou mulher de personalidade masculina, dentre outras perspectivas. A narrativa literária, em diálogo com o contexto político argentino do século XX, também participa do processo de construção de significados atribuídos a Eva Perón. Este trabalho objetiva analisar o modo como o conto “Esa mujer”, de Rodolfo Walsh, participa da construção do mito Eva Perón. Para tanto, levam-se em consideração a poética do autor e seu lugar de enunciação. Além disso, adotam-se, como referenciais

teóricos, os escritos de Roland Barthes sobre os mitos na contemporaneidade.

A cultura contra Castro: a revista *La Habana Elegante* – Bárbara Siqueira Sena Dutra (Graduanda em História, UFMG) e Thiago Henrique Oliveira Prates (Graduando em História, UFMG)

O presente trabalho tem como tema a apresentação do primeiro volume da revista eletrônica *La Habana Elegante*, criada no ano de 1998 por cubanos exilados em Dallas, no estado do Texas, Estados Unidos, financiada em parte pela Southern Methodist University. Seu principal objetivo é abrir um espaço para o debate e intercâmbio intelectual e cultural, configurando-se, assim, como um meio de posicionamento político contra o regime castrista, contra as diretrizes institucionais da produção na ilha e contra a leitura oficial da cultura cubana. *La Habana Elegante* propõe-se ainda a ser um vínculo entre os cubanos, tanto os exilados quanto aqueles que permanecem na ilha. Analisamos o primeiro número da revista como um espaço de afirmação da cultura cubana no exílio, de crítica ao regime de Castro e de sociabilidade intelectual.

A escrita da História entre o fingir ficcional e a análise científica – Warley Alves Gomes (Mestrando em História, UFMG. Bolsista CAPES)

Nosso trabalho busca refletir sobre a inserção do discurso historiográfico entre a ciência e a ficção. Faremos um esforço para compreender não só a escrita historiográfica, mas o próprio campo do ficcional, antes de pensarmos o cruzamento entre ambas. Para isso lançaremos mão da análise de obras ficcionais, como *O vermelho e o negro* e *Star Wars*, pensando os possíveis diálogos que a ficção estabelece com a realidade. Posteriormente pensaremos a especificidade do campo historiográfico em relação à ciência e à ficção nos baseando em teóricos como Hayden White. Ginzburg, De Certeau, Koselleck e Luiz Costa Lima. A intenção aqui é apresentar o texto histórico a partir de um ponto de vista complexo, ancorado também em um profundo diálogo com a teoria do ficcional.

A escrita iconográfica: a vida do Profeta Elias no teto da Igreja do Carmo do Recife – André Cabral Honor (Doutorando em História, UFMG. Bolsista CAPES/REUNI)

A linguagem imagética há muito adentrou o campo historiográfico como uma fonte histórica factível de análise que pressupõe metodologias específicas. Circunscritas no universo cultural barroco, as imagens do teto da Igreja da Ordem Primeira de Nossa Senhora do Carmo de Recife possui sete representações de passagens da vida do Profeta Elias, todas inseridas numa monumental falsa arquitetura em *trompe l'oeil*. Inspiradas em passagens bíblicas, mas principalmente na Chronica dos carmelitas da antiga e regular observância nestes Reynos de Portugal, Algarve, e seus dominios escrita Joseph Pereira de Sant'Anna, as imagens se transformam, dentro do contexto barroco, em ferramentas de persuasão que deseja atingir a todos, letrados e analfabetos. Utilizando como base metodológica a análise iconográfica proposta por Panofsky, e como aporte teórico o conceito de persuasão proposto por Giulio Carlo Argan, o presente trabalho busca realizar uma análise comparativa entre esta iconografia eliana composta por sete passagens e a história do Profeta narrada pelo frade carmelita em sua crônica.

A escrita peregrina: Etheria e sua *Peregrinatio ad Loca Sancta* (sec. IV)
– Henrique Martins de Moraes (Graduado em História, UFMG)

O projeto visa analisar o livro *Peregrinatio ad Loca Sancta*, escrito por Egeria, no século quarto. Apesar de ter sido a primeira mulher a escrever um livro no ocidente, há ainda outras questões curiosas acerca deste livro que não só oferece um vivo testemunho dos costumes e práticas religiosas da Palestina como também é uma rica referencia sobre a língua falada na época. O livro descreve a peregrinação da autora a partir do momento em que ela chega a Terra Santa. Ele oferece um relato de como é o relevo do lugar, quem são os habitantes e monges que resguardam as relíquias bíblicas e dá um vislumbre de como seriam as praticas litúrgicas em Jerusalém. O foco da narrativa é todo voltado para a experiência religiosa, tudo o que ela vê é permeado pela mística cristã, não havendo espaço para outros tipos de experiência estética, como os contemplados pela noção de “turismo” contemporânea. Egeria tenta escrever com um latim castiço, erudito, porém o resultado final é que ela deixa entrever, em

muitas passagens, traços da oralidade, do assim chamado “latim vulgar” e, mais ainda, através desses traços se pode rastrear até mesmo a sua origem geográfica, na Galiza, em um fenomenal esforço de análise textual. Há ainda questões importantes como a provável posição social (monja ou uma simples beata) ocupada pela autora bem como a quem seria endereçado o relato.

A poesia com fonte histórica (notas em torno de uma questão) – Luiz Arnaut (Professor do Departamento de História, UFMG. Doutorando em História, UFMG.)

Como pensar ou tratar poemas como fontes históricas? Esta é a questão que nos move. Neste exercício, mais do que dar um resposta que sirva para situações das mais díspares, propomo-nos a pensá-la em uma situação específica, qual seja, a nossa pesquisa de doutorado sobre a campanha republicana. O *corpus* monumental através do qual buscamos analisar a campanha republicana é constituído por centenas de poemas publicados em jornais da Corte entre os anos de 1870 e 1889.

A relação entre poesia e história perpassa por diferentes e longas tradições, que precisam ser referidas. A primeira é aquela que definia história e poesia como gêneros discursivos distintos, definidos a partir do que cada um deles trataria. A história abordaria o acontecido e a poesia, o verossímil, os possíveis. Uma segunda tradição excluía a poesia da política por considerá-la perigosa e portadora de inverdades que poderiam tolher a virtude dos guerreiros. Outra tradição considerava a poesia (e a literatura) por demais subjetiva para ser usada como evidência histórica, já que tratava mais da visão do autor do que do “mundo”. Disto resultou que a poesia (e a literatura em geral) foi excluída do rol das fontes históricas, ficando restrita a critérios estéticos e subjetivos da arte. Algumas destas tradições podem ser re-avaliadas a partir de mudanças no entendimento da literatura, da política, do mundo e das fontes históricas. A ideia da literatura sofreu uma mudança importantíssima no século XIX, e, de saber, tornou-se uma atividade e um objeto. A política deixou de ser entendida exclusivamente na sua dimensão e manifestação institucional e/ou estatal. O mundo pode ser tratado como relacional. Superando a dicotomia entre objetivismo e subjetivismo, o mundo social pode ser compreendido como resultante do encontro das propriedades objetivas e das representações subjetivas. Por

último, a noção de documento como comprovação de veracidade foi substituída pela de monumento, no qual a intencionalidade ocupa o primeiro plano. Temos então uma situação em que 1) a subjetividade das fontes não as desautoriza e 2) um mundo social (ou partilha do sensível) no qual as representações deixam de ser desvios para se tornarem (des)constitutivas das práticas e definidoras do que é palavra e do que se configura, segundo certa tradição, apenas como grunhido.

Adagas, Poções, Jardins: Reflexões acerca do Dinamismo e Poder da fala autorizada (O Ismaelismo medieval no Islã e na Europa) – Paulo Renato Silva de Andrade (Graduando em História, UFMG)

O presente trabalho objetiva fazer uma breve genealogia da palavra “assassino” nas línguas ocidentais, tida como originária do árabe *hashashiyya*, significando literalmente “consumidores de haxixe”. Fora atribuída a uma comunidade doutrinário-política islâmica dissidente com a qual o ocidente teve contato ao longo de sua ocupação do Levante (1099 – 1291), e que cumpriu um papel importante nas complexas relações políticas da região no período. O isolacionismo dessa comunidade, aliado a diversos outros fatores em épocas e meios diferentes, permitiu a construção de uma série de lendas a seu respeito ao longo de séculos. As autoridades muçulmanas suas contemporâneas empregaram uma política de refutação da legitimidade reivindicada por ela. Essa campanha veio a incluir a elaboração de obras literárias (falsamente) a ela atribuídos, e cujo conteúdo foi tido como representante verídico de suas crenças e atos. O homem europeu medieval, munido de certa predisposição em enxergar o maravilhoso e o exótico, especialmente no que toca à terra-santa, contribuiu à sua maneira, por meio de crônicas de cruzada, canções de trovadores, entre outros, para o enriquecimento e a difusão das “lendas dos assassinos”. Os séculos XVIII e XIX viram o surgimento da pesquisa científica, e o interesse nos “assassinos” produziu algumas obras a seu respeito. Feitas exclusivamente sobre documentos a eles hostis, ou falsos, (uma vez que praticamente toda a sua documentação legítima foi destruída) elas contribuíram com um verniz de erudição e autoridade científica para a perpetuação dos mitos. Somente nos anos 1930, com a descoberta de documentação nizari legítima, começou um processo de revisão historiográfica. Nesse sentido, pretende-se fazer uma micro-reflexão a

respeito da atribuição de identidade através do uso da linguagem, seu alcance territorial e temporal, e em que medida o trabalho do historiador é traiçoeiro, mas essencial.

As literaturas das vanguardas ou a literatura na era das catástrofes – Anderson Borges (Mestrando em Teoria da Literatura , UFMG)

A literatura vanguardista por muito tempo enfrentou oposições em sua recepção crítica, sobretudo por constituir-se de uma linguagem que não representa mimeticamente os aspectos que configuram a sociedade. O ataque dos opositores marxistas (os principais adversários dos vanguardistas) recai principalmente sobre a forma daquelas manifestações artísticas. Para eles, a literatura das vanguardas é caracterizada por uma linguagem que não evidencia a experiência com a realidade, revelando-se, desse modo, uma arte incapaz de elucidar a história e que, portanto, deixa o homem alienado. Já outros críticos argumentam que a linguagem vanguardista não comunica a relação do homem com a realidade (não retrata a história mimeticamente), mas configura antes uma resistência a ela, como propõe Adorno. Assim, considerando essas duas perspectivas, proponho pensar a recepção das literaturas das vanguardas circunscrevendo o debate ao par linguagem-história, levando em consideração como a representação literária das vanguardas (“apresentação” seria o termo mais conveniente) e sua recepção crítica se colocam no século XX, a era das catástrofes. Dentre os críticos que se dedicaram ao debate em torno das vanguardas, que remeterei brevemente nessa comunicação, estão Georg Lukács, Ernst Bloch, Walter Benjamin e, mais tarde, Theodor W. Adorno.

As opiniões racializantes presentes em *Clara dos Anjos* e *Fera Ferida* – Adriana dos Reis Silva (Doutoranda em Letras e Linguística, PUC Minas)

Entendendo a doxa como opinião comum presente em determinados conjuntos discursivos que a projetam, e suas formas (lógico) discursivas particulares, como os topoï (lugares comuns), ideias recebidas, estereótipos, etc canais pelos quais esta emerge, pretende-se neste trabalho, uma análise sob essa dimensão em *Clara dos Anjos*, obra de Lima Barreto e sua releitura na telenovela *Fera ferida*, do escritor Aguinaldo Silva e outros, tendo em vista, a possibilidade racializante inerente nesses objetos.

Para tal investigação tomaremos o conceito de doxa segundo a perspectiva de Amossy (2006) e Sartafi (2002), como tentativa apreensiva e/ou explicativa dos aspectos raciais presentes nesses objetos. Diante da extensão do corpus proposto, houve a necessidade de um recorte. Focamos então, para o presente trabalho, o contexto racial produzido pela personagem Engrácia, mãe de Clara dos Anjos, que surge tanto na escritura de Barreto, quanto na telenovela. Assim, pelas investigações pode-se observar que, na condição de mestiça, a personagem Engrácia de Fera ferida revela sua alteridade a partir de seu posicionamento dentro da irmandade a qual lidera com “mãos de ferro”, carregando consigo as mudanças da contemporaneidade. Já a Engrácia de Lima Barreto, se constrói sob a mansidão e a submissão perante os homens, retratando uma época retrograda. Nesse sentido, sob a categoria de análise estabelecida verificamos não só o lugar comum estabelecido pelas personagens, mas também o julgamento de suas proposições, validando o canal de entrada dos elementos dóxicos e ideológicos pertencentes ao contexto social brasileiro no que diz respeito à racialização.

Autoficção e Direitos dos Animais: análise do caso *Homem Animal*, de Grant Morrison (1988-1990) – Márcio dos Santos Rodrigues (Mestre em História, UFMG)

Entre 1988 e 1990, o roteirista de quadrinhos escocês Grant Morrison apresentou aos leitores um enredo que girava em torno de um “super-herói de terceira categoria, desempregado, casado e com filhos, que repentinamente envolve-se com questões dos direitos dos animais e descobre sua verdadeira vocação na vida”. Na época, o roteirista assumia para si uma orientação eco-anarquista e através dessa personagem fictícia, cuja existência se efetiva por meio da linguagem dos quadrinhos, procurou construir um entendimento sobre a “libertação dos animais” e, conseqüentemente, sobre os direitos deles. De tal modo, Morrison teria se valido dessa personagem, o *Homem Animal*, como um alter-ego. Trataremos neste trabalho acerca da conotação política da autoficcionalidade construída em algumas das 26 edições que o roteirista escocês escreveu para o *Homem Animal*.

Cacau, de Jorge Amado: poética e mito na região – André Tessaro Pelinser (Doutorando em Estudos Literários, UFMG. Bolsista do CNPq)

A partir da obra *Cacau* (1933), de Jorge Amado, este trabalho analisa a síntese literária alcançada pelo autor para a expressão de temas de relevância internacional, por seus aspectos ideológicos e políticos, em sua relação com a necessidade de verter em literatura os dramas próprios a determinado contexto regional. Tendo como base as fazendas de cacau do sul da Bahia, na década de 1930, a narrativa busca aliar as particularidades da região com questões concernentes a um imaginário difundido em níveis transnacionais acerca das ideias socialistas e de lutas de classe, adotando uma posição claramente definida em favor dos indivíduos oprimidos pelo sistema sócio-econômico então vigente. Dessa forma, o texto adquire ares não raras vezes maniqueístas, o que, a bem da verdade, deve ser compreendido dentro da proposta da obra, anunciada desde a polêmica epígrafe de que Jorge Amado provocativamente lança mão nas páginas iniciais e com a qual consolida o pacto narrativo apenas ao final do volume. Se o autor tenciona narrar a vida daqueles trabalhadores com o máximo de verdade e o mínimo de literatura, encontra-se aí mais um desafio aos padrões estéticos anteriores do que desatenção à fatura artística da obra. Nesse sentido, analisaremos algumas tensões provocadas na escrita pelo embate entre a expressão ideológica e a qualidade estética, o qual pesa ora para um lado, ora para outro, lançando um olhar sobre temas específicos, como a poética da oralidade, o mito do Eldorado e a relação verossimilhança x ideologia.

Castrioto Lusitano e a Guerra da Liberdade Divina – Mário Sérgio Pollastri de Castro e Almeida (Mestre em História, UFMG)

Esta comunicação, fruto de uma dissertação de mestrado de mesmo tema, centra-se na análise de uma narrativa sobre a Invasão Holandesa ao Nordeste Colonial, o livro intitulado *Castrioto Lusitano*. Escrito em 1676 pelo monge beneditino Raphael de Jesus, o *Castrioto Lusitano* tem João Fernandes Vieira, senhor de engenho de Pernambuco, como financiador e protagonista. A narrativa em questão, uma história, está em consonância com as preceptivas retórico-poéticas que regulavam a escrita erudita à época e que se vinculavam à Segunda Escolástica. Nessa perspectiva,

pretendemos analisar o livro pelo confronto com as regras neo-escolásticas, que então condicionavam sua inteligibilidade à observação da racionalidade de Corte da “política católica” lusa do século XVII. Porque é uma história que nos informa sobre um episódio da Guerra contra os Países Baixos, acontecido no Nordeste, liderado por João Fernandes Vieira, um vassalo do rei de Portugal e, acima de tudo, católico, o *Castrioto Lusitano* também nos traz um relato sobre um vassalo que se pretende um guerreiro e súdito ideal, que luta pela manutenção da *República Cristã* e pelo *Bem Comum*. Ao tentar apresentar João Fernandes Vieira como um vassalo perfeito, Raphael de Jesus, por meio da retórica, usa artimanhas com o fim de ocultar aspectos fundamentais sobre sua vida, como seu passado de mercancia e sua ascendência duvidosa, bem como ações não nobres.

Considerações sobre *Consciência e Linguagem* de John R. Searle –
Maria Elvira Malaquias (Doutoranda em Estudos Literários, UFMG.
Bolsista Fapemig)

A exposição pretende abordar os principais tópicos argumentativos desenvolvidos por John R. Searle na série de catorze ensaios traduzidos em português e reunidos sob o título de *Consciência e Linguagem*. Tais textos mostram que Searle apresenta não só uma síntese de atributos que se destina a definir o fenômeno da consciência, mas também reavalia os fundamentos da teoria dos atos de fala e dos performativos. O objetivo da exposição é comentar alguns desafios enfrentados pelo autor em suas formulações conceituais as quais atravessam os campos interdisciplinares da filosofia, da psicologia e da linguística.

Contar História Em Sextas-feiras – Livia Guimarães (Mestre em Estudos Literários, UFMG)

Para o Judeu, falar de si é contar a história do seu povo e continuar fazendo isso em qualquer lugar do mundo em que estiver é tradição festejada no calendário judeu – o *Pessach*, com a repetição do *Maquid* [narrativa do *Haqadá*]. A escrita do exílio persegue o judeu – povo errante, sempre em movimento, entre-lugares ou mundos – não só na literatura. No prefácio de *47 Contos*, Moacyr Scliar observa que pode-se imaginar os problemas de identidade que sobrevêm deste deslocamento: em casa uma

cultura e fora dela coisas tantas que diferem e, que se tornam uma situação “esquizofrenizante” que segue sendo retratada na literatura judaica. Os contos, para o próprio Singer seriam o “desafio extremo para o escritor criativo” –, e continuam sendo lugar da tensão e do suspense ininterruptos, e aqui, ele parece afirmar a resistência da literatura em iídiche que nunca poderá explicar a si mesma, nas suas próprias palavras. Esta é a narrativa abraçada por escritores judeus e que também registra uma parte daquela que não é a história sagrada do seu povo, mas outra que extrapola os registros da Torah e, sai primeiro pela boca da tradição oral, para a sobrevivência da própria cultura, no dialeto que é foco de resistência linguística e cultural –, e que somado ao Hassidismo é traduzido por Singer, como aquilo que funde o acaso com a objetividade, dúvida com fé, paixões carnis e anseios divinos observados em seu conto *Satã em Gorai*. E, é lá, no *Shtetl* [povoado] entre *dybbuks* [demônios] e *tzadiks* [homens santos] que Singer, para quem poeta e profeta são a mesma coisa, se coloca como contador de histórias e a reverência judia à palavra, tradução do traço indelével e infalsificável da escrita na textura das coisas, como diria Rancière.

Dimensões culturais e políticas do exílio (1996-2009): revistas de exilados cubanos na Espanha e EUA – *Encuentro de la Cultura Cubana, La Habana Elegante e Revista Hispano Cubana* – Júlia Melo (Graduanda em História, UFMG) e Natália Freire Azevedo (Graduanda em História, UFMG)

O objetivo da comunicação é apresentar o projeto de pesquisa “Dimensões culturais e políticas do exílio (1996-2009): revistas de exilados cubanos na Espanha e EUA -*Encuentro de la Cultura Cubana, La Habana Elegante e Revista Hispano Cubana*”. Tal projeto investiga, comparativamente, as idéias culturais e políticas veiculadas pelas revistas *Encuentro de la Cultura Cubana, Revista Hispano Cubana e La Habana Elegante*, criadas na década de 1990 por intelectuais cubanos exilados na Espanha e EUA. São revistas culturais com claro posicionamento político contra o regime castrista e que se colocam como elo identitário entre a comunidade de cubanos no exílio e como instrumento para reforçar o vínculo entre os exilados e aqueles que permanecem em Cuba. As revistas são estudadas como espaço de afirmação da cultura cubana no exílio, de

crítica ao governo castrista e de sociabilidade intelectual. Para tal, analisaremos as práticas políticas e as estratégias de intervenção intelectual motivadas pela condição exílica. A princípio, delimitamos o tema entre os anos de 1996 a 2009.

Dizer brasileiros, dizer portugueses: Investigações quanto a mudanças do discurso de nação – Alexandre Bellini Tasca (Graduando em História, UFMG)

O estudo das linguagens tem se mostrado de grande proveito para o entendimento das humanidades, pois traz ao debate as formas como os homens relacionam-se entre si e com o mundo que os cerca, assim como os fatores externos que agem sobre a linguagem.

Tendo isto em mente, partirei da colocação de Bakhtin (2006), quando diz: “Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto”.

O presente trabalho pretende investigar as transformações ocorridas na utilização dos termos “*português*” e “*brasileiro*”, mudanças que acredito serem perceptíveis na fala de Cipriano Barata (locutor). Como posto na citação acima, o locutor utiliza da língua de acordo com contexto em que está inserido, alterando esse uso na medida em que a conjuntura se modifica. O recorte será feito entre os anos de 1821 e 1823, o espaço será o mundo Luso-Brasileiro, considerando, os pronunciamentos nas Cortes de Lisboa e os jornais escritos por Cipriano Barata, que circulavam, sobretudo, nas províncias do Norte.

Trabalharei com a hipótese de que a designação do “ser brasileiro” e “ser português”, estabelecida por Cipriano Barata, alterou-se devido à mudança do lugar de onde ele falava e para quem ele falava, mas também ao processo que envolveu a constituinte do Reino de Portugal, Brasil e Algarves, seu fracasso e a conseqüente independência brasileira. Transformações que acabariam compondo o quadro de disputas pela

construção de uma identidade nacional, ainda que não necessariamente de forma consciente.

Drama e burocracia em *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos – Ananda Nehmy de Almeida (Mestre em Estudos Literários, UFMG)

Esta pesquisa realizada no Acervo de Escritores Mineiros observa como a recepção crítica do romance *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, compõe uma imagem heterogênea do intelectual moderno ao interpretar a figura do narrador como funcionário público. As entrevistas do escritor mineiro, os livros de sua coleção bibliográfica e a fortuna crítica permitem estabelecer novas figuras e metáforas teóricas que associam aspectos lingüísticos, biográficos e sociais na composição do objeto literário. Partindo do conceito de Modernidade em Max Weber e das concepções de narrativa, drama e história propostos por Walter Benjamin, esse estudo relaciona os objetos do acervo de Cyro dos Anjos aos estudos críticos do romance e aos teóricos citados.

Em busca de um método que seja montagem e desvio – Marília Carvalho (Mestre em Estudos Literários, UFMG)

Este trabalho desenrola-se a partir de uma interseção entre os escritos de Walter Benjamin e Jorge Luis Borges no que concerne à questão do tempo e da história. Para tanto, parte-se da seguinte pergunta: como desviar o tempo para montar outras histórias? É discutindo sobre um novo conceito de tempo que se pode pensar um outro modo de fazer história, ou melhor, de fazer histórias. Ambos os escritores acreditam que passado e presente não possuem entre si qualquer relação causal ou consecutiva, não se justificam nem colaboram para alguma compreensão, mas agem sim, um sobre o outro, provocando interferências, choques, destruições. Essa idéia de tempo emana uma concepção de história diferente daquela desenvolvida pelo Historicismo, pois contar uma história não é enumerar fatos e dados, não é organizar os documentos e comparar os testemunhos em busca de uma similitude a fim de alcançar a verdade dos fatos, mas revolvê-los, como quem cultiva o solo, e encará-los como um pequeno momento individual que tece e cruza as linhas do acontecimento total. Para discorrer sobre essas questões nos concentraremos em “As teses sobre o conceito de

história”, de Walter Benjamin, e em “Emma Zunz” e “O milagre secreto”, de Jorge Luis Borges.

Entre Gungunhana e Portugal a construção da nação de Moçambique – Camila Lobato Rajão (Graduanda em História, UFMG)

O imperador Gungunhana foi o último soberano nguni do Reino de Gaza em Moçambique, durante cujo governo (1884 - 1897) foram realizadas diversas tentativas de dominação do território por Portugal. A imagem de Gungunhana foi retomada na década de 1970, pela FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique –, durante o contexto da Guerra Civil Moçambicana (1976 -1992), como tentativa de constituir um dos elementos de coesão do povo moçambicano. Gungunhana é escolhido como um dos fundadores da nação moçambicana tanto por seu papel de resistência frente ao processo de colonização quanto pela necessidade de criar as bases do novo país remetendo-as a um momento anterior à dominação portuguesa, de modo que a história de Moçambique fosse, assim, independente daquela de Portugal. Por meio desse movimento de invenção de tradições, a FRELIMO tenta se estabelecer como porta-voz do povo moçambicano e manter o poder político do país, ao mesmo tempo em que destitui a legitimidade da RENAMO – Resistência Nacional Moçambicana. O estudo da enunciação, neste contexto, é determinante para a compreensão do embate simbólico travado entre a FRELIMO e a RENAMO na disputa pelo poder e das implicações desses discursos no mundo social.

Fotografias de Belo Horizonte e La Plata: narrativas sobre a fundação de duas cidades-capitais – 1882-1897 – Rogério Pereira de Arruda (Professor do Centro Universitário de Belo Horizonte, UNI-BH. Doutor em História, UFMG)

Belo Horizonte (Brasil) e La Plata (Argentina) são duas cidades-capitais planejadas e construídas no último quartel do século XIX. É comum a referência às duas cidades como manifestações da modernidade em ambos os países. É frequente, ainda, mencionar a similaridade do traçado urbanístico das duas cidades. No entanto, não existem trabalhos que se aprofundam nos significados históricos de ambas as cidades. Neste sentido, nossa comunicação visa contribuir para os estudos comparativos ao

aproximar as duas experiências urbanas. Assim, a comunicação se propõe a apresentar uma análise comparativa sobre a construção e fundação de Belo Horizonte e de La Plata, priorizando uma abordagem do conjunto visual, principalmente fotográfico, produzido entre 1882 e 1897. São álbuns, fotográficos e impressos, que junto a outros empreendimentos de propaganda visam construir uma narrativa sobre a origem das duas cidades-capitais latino-americanas.

Gabriel García Márquez: jornalismo, literatura e a história de Cuba –
Adriane Vidal Costa (Professora do Departamento de História,
UFMG. Doutora em História, UFMG)

O trabalho tem como objetivo analisar algumas crônicas publicadas por García Márquez, nas quais o escritor colombiano publicizou a história de Cuba. Grande parte dessas crônicas — publicadas entre 1975 e 1978 na revista *Alternativa* e no jornal *El Espectador* — revelou sua veia jornalística e militante e possui uma narrativa testemunhal, parcial e subjetiva. Mostraremos que García Márquez promoveu uma intertextualidade entre jornalismo, literatura e história. Nas crônicas sobre Cuba, é visível o uso da pirâmide invertida para selecionar o que deve ser informado ao leitor de acordo com a posição política do autor. O que contribuiu para que García Márquez redigisse textos mostrando apenas os aspectos positivos do governo revolucionário no campo social e nas ações internacionalistas no Congo e, particularmente, em Angola. Nessa perspectiva, García Márquez narrou em *Cuba de cabo a rabo*, *Operación Carlota* e *Los cubanos frente al bloqueo* os sucessos da Revolução, ordenando, manipulando, discriminando e interpretando episódios com a pretensão de comunicar ao público, por meio de crônicas, uma “verdade”.

Habitar a cidade: o espaço pontilhado – Maria Angélica Amâncio Santos
(Doutoranda em Estudos Literários, UFMG. Bolsista CAPES)

O objetivo deste ensaio é o de refletir sobre a construção da cidade em pontilhamento: ou seja, busca-se na técnica artística do pontilhismo, tão afim à pintura impressionista, o modelo para se pensar a constituição do espaço urbano como uma imensa aglomeração de pontos – o bairro, a rua, a vizinhança, o edifício, o apartamento. Ao mesmo tempo, esse

pontilhamento remeteria à delimitação das linhas pontilhadas, que, às vezes invisíveis, às vezes traçadas por cercas, muros, paredes, separam os incontáveis cidadãos que habitam e atravessam esses locais. Desse modo, espera-se discutir a influência do espaço nas relações humanas e das relações nos grandes espaços; além de analisar diferentes formas de conflito visíveis a partir do estudo de uma “vizinhança”: xenofobia, processo migratório, aluguel como veículo de transição e de transitoriedade. Para essa reflexão, parte-se de um *corpus* diversificado, pensando de que maneira cada uma dessas obras, em suas linguagens particulares, logra espelhar/debater determinadas práticas sociais. Tal *corpus* inclui o romance *A vida modo de usar*, de Georges Perec, o documentário *Récits d’Ellis Island*, do mesmo autor, além da graphic novel *Avenida Dropsie: a vizinhança*, de Will Eisner. Busca-se ainda o respaldo teórico de autores como Marc Auge, Walter Benjamin, Kevin Lynch e Henri Lefebvre.

História da língua, história do povo: um olhar sobre a comunidade surda brasileira – Renato Messias Ferreira Calixto (Professor do CEFET-MG. Mestrando em Estudos de Linguagens, CEFET-MG), Jerônimo Cura Sobrinho (Professor do CEFET-MG. Doutor em Estudos Linguísticos, UFMG) e Débora Eliza Ferreira Calixto (Graduanda em História, PUC Minas)

Postular sobre a história da comunidade surda brasileira exige do pesquisador um cuidadoso debruçamento acerca da língua dessa comunidade e dos sujeitos que a compõe. A história dos surdos no Brasil, bem como em outros países, está atrelada à história de sua língua materna; no caso desse país a Língua de Sinais Brasileira – Libras, língua cuja modalidade é visuoespacial e que foi alçada ao status de língua, por legislação específica, há quase uma década. Todavia, muito antes do reconhecimento da Libras, pelo governo brasileiro, os surdos já se organizavam socialmente em busca da valorização e manutenção das especificidades históricas, culturais e identitárias de seu povo, organizando-se politicamente em prol do direito ao uso da língua de sinais e combatendo a pressão social que negava-lhe o direito de ser Surdo e não deficiente auditivo, perspectivas de existência e condição de ser sujeito no mundo bastante díspares, haja vista que uma pauta-se no conceito da alteridade,

por conseguinte sócio-antropológica e a outra na falta, respectivamente, clínica. Nessa medida, este artigo propõe-se a analisar a importância da linguagem visuoespacial e da Língua de Sinais Brasileira na construção da história pessoal, subjetiva e comunitária, coletiva, das pessoas surdas no Brasil. Em consonância com Guimarães Rosa, em sua obra *Grande Sertão: Veredas*, “a linguagem e a vida são uma coisa só”. Portanto, não há história que não seja uma história de linguagem, uma história de discursos, “*seja como seja*” a língua, “*seja como seja*” o sujeito.

Intelectuais, cultura e política em *Encuentro de la Cultura Cubana* –
Luísa Barcelos (Graduanda em História, UFMG) e Natally Vieira Dias
(Doutoranda em História, UFMG. Bolsista CAPES)

A apresentação tem como tema a revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, criada em 1996 pelo escritor cubano Jesús Díaz, a partir de seu exílio em Madri. A ideia da publicação se fez conhecer dois anos antes, durante um seminário organizado por Díaz, que reuniu escritores e críticos literários cubanos, residentes dentro e fora da Ilha. A revista surgiu com o objetivo de ser um espaço aberto ao exame da realidade nacional e de debate sobre a cultura cubana, veiculando diferentes pontos de vista, e pretendendo constituir-se em um lugar de “encontro”, capaz de criar laços entre os cubanos exilados e os que vivem na Ilha. Dessa forma, analisamos *Encuentro* como um espaço de sociabilidade intelectual e refletimos como as dimensões políticas e culturais são articuladas para se pensar a atualidade cubana no primeiro número da revista. Além disso, procuramos relacionar seu discurso à especificidade da condição exílica, que marcou tanto a trajetória de seu idealizador quanto o próprio surgimento da publicação.

Judeus medievais e linguagem dos astros – Alexia Teles Duchowny
(Doutora em Estudos Linguísticos, UFMG) e Simone Fonseca Gomes
(Graduanda em Letras, UFMG)

Os manuscritos astrológicos judaicos da Idade Média são uma rica fonte para o melhor entendimento da cultura medieval e da história da ciência, abrindo novas perspectivas de pesquisa para a Linguística e a História, entre outras áreas do saber. Em um primeiro momento, será feita a

contextualização da astrologia na Europa cristã, para, em seguida, entender a relação dos judeus da Idade Média com a interpretação das supostas mensagens dos astros. O resultado do interesse pela astrologia será a elaboração de textos variados sobre o tema, muitos deles desconhecidos até o presente. Antes da conclusão, serão examinados três guias astrológicos: o *Ms. Laud Or. 282* e o inédito *Ms. Laud Or. 310*, ambos da Bodleian Library, e *El libro conplido en los iudizios de las estrellas*, de Abenragel.

Ler os edifícios, apreciar os livros: relações entre a tratadística e a produção arquitetônica no período moderno – Mateus Alves Silva
(Mestrando em História, UFMG. Bolsista CAPES)

Sabe-se que a realização de tratados, desde a antiguidade, dialogou estreitamente com a produção arquitetônica. Na busca por modelos ideais clássicos, os arquitetos da era moderna se debruçaram sobre textos antigos, sobretudo os de Vitruvius, para compreender referenciais arquitetônicos, ao passo que desenvolviam preceitos e maneiras de se edificar. No limiar entre a imitação do antigo e a elaboração do novo, a tratadística contribuiu para a fixação de modelos arquitetônicos de maneira tão eficaz que seus desdobramentos atravessaram os séculos XVI ao XIX, sendo apenas rompida com o advento do modernismo. Nesta direção, tratados como os de Sebastiano Serlio, Jacopo Barozzi da Vignola, Vincenzo Scamozzi, Andrea Palladio e outros fomentaram profunda discussão sobre o fazer arquitetônico e, principalmente, almejaram o estabelecimento de padrões para a sua realização. Estes textos, comunicando entre si, suscitavam novo ambiente teórico a ser percebido fisicamente na prática do risco e da edificação. Diante disso, interessa, nesta pesquisa, apresentar a discussão presente em alguns desses livros teóricos produzidos durante os séculos XVI e XVIII, bem como suas interfaces com a produção arquitetônica, no intuito de se perceber os limites entre o estabelecimento de uma escrita sobre a arte que se pretendia ideal e as aproximações ou distanciamentos destes modelos em relação aos edifícios propriamente ditos.

“Liberdade pura”, movimentos sociais e política no Livro VIII da República de Platão – Igor Cardoso (Graduando em História, UFMG)

Propõe-se como comunicação neste encontro, um pequeno recorte de estudo feito a partir de investigações realizadas no âmbito de escrita monográfica, relativas ao conceito de verdade em Luciano de Samósata, autor de diversas obras durante o século II.

Ao criticar a produção historiográfica do período helenístico, tanto elogiosa e parcial ao Império Romano, Luciano procurou distinguir o ofício de poetas e historiadores, em *Como se deve escrever a história*. A fim de melhor formular essa distinção, o autor sírio recorreu a uma expressão bastante particular, o de “liberdade pura” (*ákratos eleuthería*). A ideia fundamental parece ser a de que ninguém se importaria se o poeta escrevesse o que lhe bem desejasse; por outro lado, o historiador deveria estar comprometido com a lei da história: dizer a verdade. Pois, assim, o ofício de historiador exigia que não se seguisse a “liberdade pura” que convinha apenas aos poetas.

Brandão identifica a expressão, raridade nos documentos antigos, em duas passagens de Plutarco, que remete o mesmo passo à *República* de Platão. Nela, o filósofo ateniense procurou demonstrar como a *pólis* democrática, sedenta de liberdade (*eleutherías*), acaba por se deparar com maus escanções e, tendo embriagado-se com ela pura (*ákratou autés*), transforma-se em tirania. A expressão está marcada com a colocação do pronome (*autés*) em lugar do substantivo *eleutherías*, o que nos permite apontar a possível referência de Luciano à obra de Platão, um dos autores mais citados no *corpus lucianeam*.

Percebe-se bem como a formulação de “liberdade pura” na *República* é produzida no esteio de uma crítica a um tipo de governo popular, a democracia. Com efeito, o objetivo dessa comunicação será o de identificar os posicionamentos e as propostas de Platão referentes à liberdade da *pólis*, buscando relacioná-los com alguns aspectos de movimentos sociais e políticos vividos pelo filósofo.

Linguagem jurídica e história: reflexões a partir do Brasil do final dos anos 1930 – Mariana Silveira (Mestranda em História, UFMG)

Com este trabalho, pretendemos apresentar algumas perspectivas para estudos históricos da linguagem jurídica. Trata-se de tarefa delicada, tendo em vista o caráter quase impenetrável que marca o vocabulário especializado da área, bem como o tom tecnicista dos seus textos, que, por

vezes, parecem escritos com o único objetivo de afastar o leitor não iniciado. É justamente esse distanciamento do direito em relação ao léxico comum, uma espécie de “autoconstrução em mundo à parte”, contudo, que pode torná-lo um objeto instigante para a história social da linguagem. A partir dessa constatação, buscamos destacar a forte carga performativa do discurso jurídico, que se volta, especialmente por meio das leis e de sua aplicação, para a produção de efeitos concretos sobre a sociedade, garantindo a tradução de determinados interesses em práticas, ao mesmo tempo em que interdita a prevalência de diversos outros. Procuramos, por outro lado (porém de maneira complementar), discutir como a linguagem empregada pelos juristas não apenas se constitui em expressão de um grupo profissional, mas também se liga às relações de poder travadas na sociedade em que eles se inserem, notadamente quanto a seus aspectos simbólicos. Para dar uma dimensão mais concreta aos debates que propomos, recorreremos a exemplos retirados de textos publicados em periódicos jurídicos brasileiros do final da década de 1930, sobretudo aqueles que, empregando conceitos e argumentos próprios ao mundo do direito, desempenharam importante papel na consolidação e na legitimação da ditadura do Estado Novo.

Lux de Xul e algumas sombras: Apontamentos sobre a modernidade na obra de Xul Solar – Yara Augusto (Mestre em Estudos Literários, UFMG)

Autor de uma das produções mais densas e significativas da vanguarda argentina e da arte latino-americana do século XX, Alejandro Xul Solar (1887-1963) foi um artista de talento múltiplo, que transitou por diversas escolas e campos artísticos. Cronista visual de seu tempo, Xul Solar registrou em sua obra pictórica, formulada a partir de textos e imagens, o processo de intensa modernização vivido pela Buenos Aires do início do século XX, bem como as aspirações de modernidade artística vislumbradas pelos vanguardistas, aglutinados em torno do periódico de arte e cultura *Martín Fierro*. Este estudo analisa como o desejo de produzir uma arte de características modernas e de promover a abertura do campo artístico a novas expressividades se demarca na obra pictórica de Xul Solar, a partir do emprego que o artista realiza dos recursos de luz e sombra. Elaborada a partir de uma perspectiva transdisciplinar, a presente

investigação se vale de construtos teóricos das áreas de teoria da literatura, estética, semiótica e história da arte.

Memórias póstumas de Brás Cubas como alegoria nacional – Vitor Cei
(Doutorando em Estudos Literários, UFMG)

Fredric Jameson defende a polêmica tese de que todos os romances do chamado “Terceiro Mundo” devem necessariamente ser lidos como alegorias nacionais, considerando-se alegoria em seu sentido convencional: narrativa com dois níveis paralelos de significado. Jameson propõe uma distinção entre a cultura do “Terceiro Mundo”, marcada pela produção de “alegorias nacionais”, e a cultura pós-moderna do “Primeiro Mundo”. Enquanto nas literaturas do “Primeiro Mundo”, o privado e o público estão separados, na literatura do “Terceiro Mundo” essas instâncias se confundem, o que se concretiza na forma de alegorias. Exemplar da tese de Jameson é a narrativa de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, que tematiza ficcionalmente a divergência entre o público (vida exterior) e o privado (vida doméstica), expressando um conceito de vida entre o burguês e o patriarcal. Exploram-se, neste trabalho, as contradições e impasses resultantes do diálogo com Jameson, buscando oferecer razões para se acreditar na tese que o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* pode ser lido como alegoria nacional. Considerando-se que a biografia do personagem Brás Cubas perpassa vários estágios da história do Brasil, demonstramos que o processo histórico nacional é o próprio fermento que modula a prosa de Machado. O defunto-autor, ao rememorar sua vida e reconstituir seus cacos, revela as feridas abertas pela barbárie da história do país.

Narrativa, escrita de si e dinâmica social: os diários de Carolina Maria de Jesus (1955-1961) – Alessandra Araújo de Souza (Mestranda em História, UFPB. Bolsista CAPES)

Este trabalho pretende analisar as relações entre narrativa e experiência a partir de duas obras de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada (1960) composto a partir dos diários que escreveu enquanto viveu na favela do Canindé – São Paulo, entre 1955 e 1961, e o livro *Casa de Alvenaria*: diário de uma ex-favelada (1961), por

sua vez composto de diários produzidos em 1960 e 1961, que narra a experiência de ascensão do social da escritora possibilitada pelo sucesso do lançamento de seu primeiro livro, narrativa permeada dos conflitos vividos pela autora no universo social da classe média em que passou a transitar. Partindo do pressuposto de que os dois livros fazem parte de um mesmo processo de escrita, pretendo analisar a partir das narrativas, marcadamente autobiográficas, a experiência de trânsito social e o processo de produção dessa escrita “marginal”, considerando os recursos narrativos utilizados pela autora nessa refiguração de sua experiência histórica. Seus escritos assim se tornam um importante testemunho para investigar como foi possível a uma mulher, negra, pobre e com pouca instrução, ao se apropriar de um instrumento da cultura erudita, reinventar seus usos e buscar novas formas de participação na sociedade brasileira, num contexto de intensas transformações sociais e culturais que se dava no Brasil no período de democratização que demarca o período entre 1945 e 1964.

O cinema como produtor de conhecimento histórico: é possível uma escrita filmica da história? – Luís Fernando Amâncio Santos (Mestrando em História, UFMG. Bolsista CAPES)

Em seu livro *A história nos filmes/ Os filmes na história*, recentemente lançado no Brasil (2010), Robert A. Rosenstone reflete sobre as complexas aproximações entre cinema e história. Sua divisão de capítulos propõe a análise dos diversos gêneros cinematográficos que empreendem representações históricas. Porém, chama a atenção uma escolha do autor: tratar alguns cineastas como historiadores. Para Rosenstone, determinados diretores de cinema, ao confrontar vestígios do passado e construir narrativas pertinentes, dotadas de sentido ao seu presente, atuariam como construtores do conhecimento histórico. Além disso, o autor destaca que o cinema, linguagem distinta da escrita, teria um formato próprio para representar o passado, com outra potencialidade. Aceitá-lo como conhecimento histórico seria ampliar as convenções que definem a historiografia.

Partindo da proposta desse historiador norte-americano, de entender a linguagem cinematográfica e as particularidades dessa mídia como uma forma promissora de “contar a história”, pretendemos aplicar essas afirmações na análise de dois casos, a saber: o documentário *Peões*

(2004, dirigido por Eduardo Coutinho), e o drama histórico *Maria Antonieta* (*Marie Antoinette*, 2006, de Sofia Coppola).

O direito à desobediência civil em John Rawls – Luciana dos Santos Duarte (Mestranda em Engenharia de Produção, UFMG)

Este trabalho apresenta noções básicas de *Uma teoria da justiça* de John Rawls através de *A revolução dos bichos* de George Orwell. É no início da fábula, quando os animais se organizam para a revolução contra os humanos, e nenhum dos quais sabe qual será seu papel na sociedade pós-revolução, que se entende a posição original, um dos muitos termos característicos de *Uma teoria da justiça*. Além disso, diferencia a teoria ideal da teoria não-ideal; analisa a desobediência civil em suas três justificativas; ressalta o direito à desobediência civil na teoria rawlsiana, bem como na constituição brasileira. Conclui que a desobediência civil é uma forma de contestar a ordem natural das coisas. Na teoria rawlsiana, ela é interpretada como um ato político, público, consciente, não-violento e contrário à lei, sendo urgente em todas as sociedades não-ideais, cujos procedimentos políticos legais falharam na promoção da justiça como equidade.

O discurso do exílio intelectual: as revistas como espaços de sociabilidade intelectual de exilados cubanos. – Pedro Lüscher (Pós-graduando em História e Culturas Políticas, UFMG)

O presente trabalho, vinculado à pesquisa “Dimensões culturais e políticas do exílio (1996-2009)”, tem como objetivo discutir as revistas *Hispano Cubana*, *Encuentro de la Cultura Cubana* e *La Habana Elegante* como espaços de sociabilidade intelectual e de oposição ao regime castrista. A partir dos textos veiculados, intenciona-se analisar os discursos políticos com o intuito de pensar a condição exílica dos intelectuais. As revistas são importantes meios de divulgação de ideias, além disso, reforçam os laços dos intelectuais exilados com aqueles que permanecem na ilha e servem de elo identitário entre a comunidade cubana no exílio. Por seu caráter *sui generis*, o exílio intelectual constitui-se atualmente em uma relevante área de investigação. Autores como Paul Ilie, Edward Said, Ángel Rama, S.R. Wilson buscam compreender as especificidades dessa situação. O verso de

um poema, do cubano José Martí, tantas vezes lembrado nas páginas das revistas, talvez sintetize a condição vivenciada por esses intelectuais exilados: “Cuba nos une en extranjero suelo”.

O estilo da História de Heródoto – Letícia Lopes Damasco (Mestranda em Estudos Literários, UFMG. Bolsista CAPES-REUNI)

Esta apresentação origina-se de uma pesquisa de mestrado em andamento sobre as técnicas da narrativa nas *Histórias* de Heródoto. Pretende-se mostrar algumas considerações sobre a maneira de escrever desse historiador. O foco desse estudo compreende o início da sua obra, a saber, do prólogo ao capítulo quinze, onde consta a história de Gíges, o Lídio. Veremos alguns detalhes da estrutura da sua ἀπόδειξις (apódexis – demonstração) e sua relação com o contexto da produção da obra e com os propósitos dela. Por isso, não poder-se-á deixar também de relacioná-la com outras formas de expressão daquela sociedade em questão recordando as tradições literárias e culturais da Hélade.

Os Atos da Beata Rieti: O elogio da cidade numa hagiografia de São Francisco de Assis (Século XV) – Felipe Augusto Ribeiro (Graduado em História, UFMG)

Este trabalho pretende explorar a representação da cidade de Rieti, na região central da Itália, presente na obra *Actus Beati Francisci in Vale Reatina*, escrita no século XV por um autor que só sabemos ser um frade reatino. Embora trate-se de uma hagiografia e, como tal, pretenda laudar a vida de São Francisco de Assis, a obra dedica um espaço proporcionalmente amplo a uma descrição bastante elogiosa da localidade onde uma parte das miraculosas obras do santo são narradas.

Sabemos que a prática de se redigir crônicas laudatórias das cidades era comum nessa época e que, dentro desse discurso, a procura por emblemas suficientemente fortes para marcar a superioridade de uma região sobre as demais era um procedimento compatível com os seus problemas políticos. Mas os cronistas vão narrar as riquezas, a beleza dos edifícios e as virtudes dos cidadãos ilustres das cidades. Surpreende-nos, pois, que esse tipo de exaltação apareça numa hagiografia, cujo objeto e propósito é outro. Francisco não era reatino, era umbro, mas as grandes

temporadas passadas por ele nas montanhas da região levam-nos a associá-la diretamente à experiência eremítica, que constituía um valor inquestionavelmente fundamental nas legitimações político-territoriais da época. Na própria leitura do texto percebemos o quanto elas são evocadas e como a cidade é frequentemente marcada na narração da vida de Francisco.

Assim, para tentar analisar essa constatação, a nossa hipótese é a de que o autor tenha lançado mão do gênero hagiográfico e valido-se de suas especificidades para vincular diretamente a figura do santo à sua cidade, numa tentativa de fazê-la espiritualmente superior, ao menos no que toca ao culto deste santo, às regiões vizinhas com as quais rivalizava.

Os liames do historiográfico e do literário: uma leitura de *Caim* – Mariana Paes Leme (Graduanda em Letras, UFMG)

Por que coube a José Saramago a honra do prêmio nobel? Está claro que os autores que concorreram ao prêmio estavam à altura para recebê-lo, no entanto o que faz de um autor e não o outro merecedor?

José Saramago possui uma ideia de escrita, um Projeto Literário que se ocupa em desvendar a cultura ocidental como um todo. A persistência desse papel assumido pela literatura em sua obra fez com se dividisse em duas "fases", uma mais histórica, de que o grande representante é *O Cerco de Lisboa*, e uma alegórica, e desta não hesitamos em citar *O ensaio sobre a cegueira*.

Uma obra, porém, parece-me deslocada dessas "fases", mas tampouco é pertinente aceitar sua inadequação ao grande projeto, em se tratando de um autor nada inocente como o é Saramago.

Caim, e não qualquer outro personagem bíblico, re-desenha a cosmogonia cristã de uma forma bastante peculiar em que não conseguimos definir o que mais bem se aplica: se se trata de uma leitura historiográfica e/ou arqueológica das várias potencialidades discursivas presentes no texto bíblico ou uma re-escrita totalmente transgressora do nosso mito inicial, lido, no entanto, como nossa verdade primeira pela grande maioria das pessoas que integram o mito (e quem faz a história?)

Dessa forma, a partir do momento em que uma hermenêutica da bíblia passa a ser considerada, deparamo-nos com uma questão que me parece ir além de um posicionamento descrente com relação apenas à religião. O autor em questão mostra-se, o que também me leva a

desconsiderar sua despreensão com *Caim*, transgressor da linguagem e de várias representações ocidentais, embora o faça de forma ainda misteriosa, vagando entre a dê-construção do historiográfico pelo literário e, muitas vezes, e entre a aceitação dos limites do literário pelo que é majoritariamente “histórico” (mítico).

Outro intelectual se configura – discussões em torno do poeta midializado dos anos 80 – Renata Moreira (Professora FACISABH e CEFET-MG. Doutora em Estudos Literários, UFMG)

A discussão em torno do intelectual é caudalosa. Desde o estabelecimento um tanto pejorativo do conceito, relacionado ao famoso caso *Dreyfus*, diversos pensadores debruçaram-se sobre o tema, a fim de perquirir o delineamento desta figura tão controversa. Ainda que muitas divergências existam quanto à sua caracterização, algo mais ou menos consensual no estabelecimento histórico de sua denominação é a ideia de que este personagem precisa fazer reverberar seus posicionamentos na esfera pública. Sua feição, entretanto, está fortemente relacionada ao intelectual moderno desenhado por Sartre: o homem do dissenso e da ação. Nascido e fortalecido atreladamente à imagem de escritores (como Zola, ainda no citado caso *Dreyfus*), a estes, costumeiramente, é atribuído, um tanto sem esforço, o papel de intelectual, desde que dialoguem com certa tradição de fundo humanístico e produzam, na cena pública, algo além de textos literários. Como se dá o estabelecimento desta noção, entretanto, em relação a escritores que, assumidamente marginais, dissociam-se da imagem exclusivamente livresca, associada de maneira indelével à figura do intelectual? Esta comunicação pretende discutir o necessário alargamento de tal conceituação, pensando-a especificamente para o poeta dos anos 80, *ainda* não aceito pelo cânone acadêmico, focalizando, especialmente, a atuação de Paulo Leminski, escritor fortemente midializado que, de forma simultânea, transita por diversas semioses e ocupa várias frentes discursivas.

Outros & Outras: a tradição literária brasileira nos romances de Ana Miranda – Berttoni Licarião (Mestrando em Estudos Literários, UFMG)

A leitura atenta dos romances de Ana Miranda revela que a história brasileira é sem dúvida uma constante ficcional, mas está longe de constituir o elemento mais característico de sua produção. Segundo a autora, a experimentação é o traço definidor de sua escrita, e o trabalho com a linguagem o aspecto mais importante da literatura que vem produzindo. Em cada romance, Ana Miranda procura investigar a linguagem em sua mobilidade diacrônica, realizando experiências com a dicção de várias épocas. Sua escrita explora as possibilidades de se conhecer o passado através da linguagem de diferentes períodos, criando conexões entre um e outro tempo. Esta comunicação pretende apresentar uma breve leitura – a partir das teorias de Linda Hutcheon e Gerárd Genette – dos principais procedimentos intertextuais presentes nos romances da autora, focalizando o diálogo com a tradição literária brasileira presente em *Boca do inferno* (1989), *A última quimera* (1995), *Clarice* (1999) e, principalmente, *Dias & Dias* (2002).

Política para a Literatura e Literatura para a Política: sobre a produção literária e jornalística de Bernardo Guimarães (1859-1883) – Matheus da Cruz e Zica (Pós-doutorando na FAE, UFMG. e Bolsista CNPq)

Os artigos jornalísticos e de crítica literária produzidos pelo mineiro Bernardo Guimarães ao longo do terceiro quartel do século XIX trazem marcas da preocupação, bastante generalizada no período, com relação à construção da nacionalidade via literatura. Assim estaria indicada nessa sua produção a presença do que chamamos de uma *política para a literatura*. Pretendemos chamar atenção, nessa comunicação, menos para o conteúdo das proposições do escritor nesse sentido e mais para os *modos* pelos quais ele construiu as relações entre uma ambição política – o nacionalismo – e uma determinada concepção de literatura. Numa outra mirada também podemos perceber, sobretudo em algumas poesias do autor, um uso da *literatura para a política*. A leitura de jornais produzidos em Ouro Preto, entre 1869 e 1872, nos indica que Bernardo Guimarães era reconhecido na então capital da Província como o grande poeta de Minas Gerais. Devido a essa posição de destaque, sua contribuição era almejada pelos jornais conservadores e liberais, nesse período em que a Guerra do Paraguai (1865-1871) está chegando ao fim e a disputa pela memória desse

conflito já está iniciada entre os dois partidos. Bernardo Guimarães se posiciona em relação a essa *contenda política* justamente com a *escrita poética*. Publica, em 1871, no jornal liberal mais influente do período, *A Reforma* (RJ), uma série de poesias intitulada *Heróides Brasileiras*, que ao todo contam quase cinquenta páginas. A série pretende cantar a história recente do conflito com os paraguaios. O apagamento de Duque de Caxias, herói dos conservadores, e a exaltação do General Osório em sua *versão poética da história* foi a maior contribuição dada pelo escritor aos liberais naquele momento.

Popper e Fleck por Benjamin e Nietzsche: A fragilidade da verdade e do engano no discurso científico – Augusto Bruno de Carvalho Dias
(Mestrando em História, UFMG)

Nos textos de K. Popper, L. Fleck, W. Benjamin e F. Nietzsche, verdade e mentira são categorias essenciais – não no sentido fenomenológico heideggeriano – para averiguar os sentidos possíveis de um discurso científico. As categorias da linguagem bejaminiana, as asserções nietzscheanas sobre o *verdadeiro* e o *engano* para a moral filosófica moderna, a linguagem como metáfora, são o aporte teórico básico para o trabalho a ser desenvolvido sobre as teorias do discurso científico de Popper e Fleck.

Em sua obra *Conjecturas e Refutações*, o filósofo Karl Popper inicia uma digressão acerca dos diferentes ideais de verdade, absolutos ou relativos, concluindo que, o problema maior seriam as fontes do conhecimento. Essas fontes não existem em si, conclui Popper; toda fonte é bem-vinda, sujeita ao exame crítico – no sentido kantiano de *delimitar os limites*.

Concordando com Popper, Ludwick Fleck, em sua obra *Genese e desenvolvimento de um fato científico*, apresenta o que ele chama de *estilo de pensamento*. Fleck alude ao fato de que toda possível solução a um problema, seja qual for ele ou quem o colocou – por exemplo, um problema científico – chamar-se-ia verdade uma solução, que de maneira singular, é conforme a um estilo, e é linguagem, nem relativa, nem subjetiva.

Objetiva-se, então, delimitar o quão pertinente é tratar a verdade e a mentira – o engano – num discurso científico específico, o da história. A possibilidade de diálogos da história com conhecimentos ditos não-

científicos – ou enganosos, para a história – é algo a ser trabalhado, especialmente, por um olhar benjaminiano-nietzscheano sobre o problema colocado.

Práticas sociais e históricas no léxico toponímico de Diamantina –

Tatiana Martins Mendes (Mestre em Estudos Linguísticos, UFMG)

A partir de uma pesquisa de campo realizada em Diamantina e seus distritos sobre a toponímia, ciência que estuda os nomes de lugares e a motivação deles, este estudo tem por finalidade realizar pesquisa lingüística com enfoque no léxico toponímico tendo como elementos norteadores a cultura local, o contexto histórico da formação humana e os aspectos geográficos da região. Conforme Menezes (2008) “os topônimos, como signos culturais, conservam tradições e os costumes de uma região, constituindo, portanto, uma boa ferramenta para a realização de um estudo sociolingüístico”. O *corpus* deste trabalho é constituído de 22 entrevistas realizadas em Diamantina, Conselheiro Mata, Desembargador Otoni, Extração, Guinda, Inhaí, Mendanha, Planalto de Minas, São João da Chapada, Senador Mourão, Sopa e integra-se ao *banco de dados* do Projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – ATEMIG, com sede na Faculdade de Letras da UFMG. A linguagem articulada no seu contexto de uso pode trazer, na sua variante regional, marcas diacrônicas, sincrônicas e interculturais. É possível, na pesquisa *in loco* perceber e compreender esse dinamismo porque a identidade de uma comunidade é construída pelo sujeito, que, através do uso da linguagem, entendida aqui como patrimônio simbólico e imaterial, realiza suas práticas e conserva seus costumes. A língua, na sua função, constitui, pois, prática sócio-cultural humana e pode refletir a idiosincrasia regional. O léxico, por sua vez, integra o sistema lingüístico, expõe nas suas acepções, marcas do saber cultural e depreende um repertório de unidades relevantes, essencialmente formado por nomes e significados. Assim sendo, o nome é referência para a edificação do espaço, da identidade e da memória. Dessa forma, acredita-se que, a laboração investigativa sobre nome de lugar ressaltará um significativo valor antropológico e lingüístico porque propiciará compreender melhor o ambiente, seu contexto histórico e sua população.

Relações homoeróticas em letras de música – Márcio Ronei Cravo Soares (Mestre em Música, UFMG)

Ao longo do século XX, e ainda hoje, grupos sociais chamados “minoritários” têm (re)configurado seu espaço e sua participação sociais, insuflados por posturas ideológicas como a contracultura. Mulheres, gays, negros, dentre outros, buscam constituir direitos e melhor inserção social, exigindo a efetiva igualdade acenada pela Modernidade ocidental. Considerando a cultura gay, ou ainda o modo como ela é constituída enquanto discurso, esta comunicação pretende pontuar algumas observações sobre a narração e/ou menção a relações homoeróticas no âmbito da canção popular feita no Brasil, a partir de suas letras, especialmente após o período de redemocratização política vivida a partir dos anos 1980, com destaque para os artistas Renato Russo, Cazuza e Cássia Eller. Nesse sentido, e levando em conta o fato de que o *rock* foi um gênero musical surgido no contexto da contracultura e ao qual aqueles artistas filiaram-se, pretende-se verificar que contribuições a abordagem contestadora e iconoclasta do *rock* trouxe para o debate sobre o homoerotismo.

Revista *Hispano Cubana*: cultura e política dos exilados cubanos – Caroline Maria Drummond (Graduanda em História, UFMG) e Mahira Caixeta Pereira da Luz (Graduanda em História, UFMG)

A revista *Hispano Cubana*, fundada na primavera de 1998, é uma publicação de política, cultura e arte, e conta com a colaboração de espanhóis e cubanos que residem dentro e fora de Cuba. Possui a proposta de reforçar o vínculo entre as populações de Espanha e Cuba, contando com um discurso anticastrista e anticomunista, além de demonstrar certa idealização de Cuba antes da Revolução. A revista, ligada à instituição Hispano Cubana, mantém uma conexão forte com Miami e busca nas suas edições ter como ponto de referência a defesa da liberdade, da democracia e dos direitos humanos. As ideias políticas e culturais da revista são estudadas tendo em vista o exílio cubano e a função que esse veículo de comunicação exerce nessa comunidade de exilados.

“Sobre o conceito de história” e sobre as narrativas literárias: a relativização do tempo na História e na Literatura – Carmen Cristiane Borges Losano (Doutoranda em Estudos Literários, UFMG)

O tempo cronológico, que controla a vida prática, não atende às pretensões da literatura. Literatura é manifestação artística e, como tal, ultrapassa os limites da praticidade, da linearidade, do pragmatismo advindo da Modernidade e do progresso. Essa concepção linear do tempo dá-nos a exata medida da pretensão do capitalismo, a saber: o automatismo coletivo que conduz a humanidade ao *progresso*. Muito diferente é a concepção de tempo de sociedades primitivas, que compreendiam tal noção através da circularidade, de forma a ver, no futuro, um retorno ao passado. Da distinção entre tais noções, podemos inferir que não há, portanto, uma fixidez conceitual em relação à noção de tempo; ao contrário, trata-se de uma variabilidade que acompanha a História das sociedades. As formas de abordagem da narrativa que fogem à linearidade convencional não se restringem à Literatura, ou mesmo às artes em geral. Nas ciências humanas, particularmente na Filosofia e na História, coexistem as teorias que abrangem o tempo linear e as que trabalham com a não linearidade temporal, com a fragmentação, com as reminiscências e vestígios, em oposição à história linear. Nesse sentido, o ensaio intitulado “Sobre o conceito de História”, de Walter Benjamin, torna-se um instrumento essencial para o desenvolvimento deste trabalho, no que tange às concepções do tempo, a partir da Filosofia e/ou da História, as quais, de certa forma, influenciam na análise de obras literárias. Em todos os casos, as manifestações artísticas possuem seu tempo próprio, que pode – ou não – coincidir com o tempo cronológico. Por fim, verificamos como se observa o (enigmático) tratamento dado ao tempo no romance *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde.

Thomas Mann e o homoerotismo grego – Daniel Barbo (Doutor em História, UFMG)

No decorrer dos séculos XIX e XX, um conjunto de obras literárias de autores que se dispõem em três redes literárias interconectadas (uma francesa, uma britânica e uma alemã) retoma a cultura grega, mais especificamente o homoerotismo grego, na produção de uma série de subjetividades homoeróticas que interage com o processo que deu forma à

sexualidade (aqui, este termo é compreendido no registro da trilogia foucaultiana História da Sexualidade). Efetivamente, travou-se entre estes autores um debate literário a respeito dos amores entre iguais que contribuiu para a construção do perfil ou ‘essência’ do homossexual, uma nova identidade que emergia na modernidade. Nesta comunicação, pretendo demonstrar que a obra *Morte em Veneza* de Thomas Mann, integrando vastas redes de sociabilidade responsáveis pela invenção de um universo discursivo homoerótico, criou uma identidade homoerótica específica, ao operar com representações da pederastia grega no início do século XX. As obras literárias são fontes fundamentais para a escrita da história. No entanto, fazer esse uso da literatura requer do historiador que ele seja capaz de trazer à luz o que torna a obra de arte *necessária*, ou seja, a fórmula formadora, o princípio gerador, a razão de ser, enfim, a sua necessidade política e social, fornecendo à experiência artística, e ao prazer que a acompanha, sua melhor justificativa, seu mais rico alimento. Para uma história cultural da esfera erótica do mundo moderno, penso numa necessidade político-social específica no que tange à obra *Morte em Veneza*: uma resposta ao ‘problema’ do amor entre homens colocado pela sociedade moderna. Nesta resposta, a cultura homoerótica grega demarca o horizonte cultural da obra.

Tradução: da dívida à dádiva – João Guilherme Dayrell de Magalhães Santos (Doutorando em Estudos Literários, UFMG. Bolsista Fapemig)

O trabalho visa mapear a leitura que Jacques Derrida, na obra *Torres de Babel*, realiza acerca do conceito de tradução, postulado anteriormente por Walter Benjamin, no texto *A Tarefa do Tradutor*. Para tanto, faz-se necessário situar cada pensador em seus respectivos contextos – o que quer dizer, também, delinear breves perspectivas e características próprias do pensamento de ambos – atentando, principalmente, para as conceituações de dádiva e dívida, assim como suas implicações para a tradução. Dentro de tal panorama, é necessário, outrossim, atentar aos conceitos de repetição, exílio e corpo, o que quer dizer que ao traçar implicações teóricas acerca do gesto tradutório, problematizar-se-á, concomitantemente, condições éticas subjacentes à produção de enunciados provindos de diferentes lugares de enunciação – tal como a literatura, a poesia, a história ou mesmo a política – tendo em vista que tais esferas de

produção estão implicadas. Valendo-nos, por fim, de outros teóricos ao passo que relemos Walter Benjamin, será necessário ressaltar que, dentro mesmo do pensamento do filósofo alemão reside elucubrações situadas não aquém – como consta em uma crítica engessada acerca da produção de Benjamin – da melancolia, mas, de fato, além de tal condição.

Transculturação e memória num conto de García Márquez – Fernanda Valim Cortês Miguel (Doutoranda em Estudos Literários, UFMG)

Nesta comunicação apresentarei um estudo que vem sendo desenvolvido no campo da *Literatura, História e Memória Cultural* e que parte da proposta de uma leitura particular do texto *A última viagem do navio fantasma* articulada às possíveis contribuições dos Estudos Culturais para a área da Literatura Comparada, especialmente a partir da discussão dos conceitos de *prática social, cultura e transculturação*, apontando para as tensões e desconstruções dos binarismos *local/global, particular/universal* em direção à perspectiva da convivência e suplementação de tais conceitos. O objetivo do estudo partiu da constituição de uma topografia de memórias de narrativas de horror e do destaque de elementos performáticos sugeridos a partir da leitura do texto literário em questão. Com base em Derrida (2008), procurei constituir determinados núcleos de significado, que puderam ser lidos como “rastros de rastros”, indicando pistas para o mapeamento e possível constituição de memórias de “rotas do horror”. Parti do pressuposto de que tais rastros não são caóticos e nem estão completamente dispersos como um navio à deriva, mas, ao contrário, nos conduziriam a certas filiações históricas e ficcionais. O conto, que integra o livro *A incrível e triste história da cãndida Eréndira e sua avó desalmada*, foi publicado por Gabriel García Márquez na década de setenta e é classificado como obra representativa do que foi denominado “realismo fantástico” ou “realismo maravilhoso” da literatura latino-americana do século XX.

Um Febrônio belo-horizontino? O caso Guaracy do Nascimento – Luiz Morando (Professor do Centro Universitário de Belo Horizonte, UNI-BH. Doutor em Estudos Literários, UFMG)

Na década de 1920, no Rio de Janeiro, o negro Febrônio Índio do Brasil cometeu crimes sexuais contra alguns adolescentes em rituais no qual acreditava purificar-se. O caso causou consternação no país e fixou-se fortemente no imaginário social, a ponto de os pais dizerem com frequência aos filhos desobedientes: “Cuidado que o Febrônio vem te pegar!”. A partir do final dos anos 40, em Belo Horizonte, o negro Guaracy do Nascimento cometeu diversos crimes de atentado ao pudor contra crianças e adolescentes, tendo sido denunciado e investigado em alguns deles. Por meio da imprensa e dos autos judiciais dos crimes que geraram inquérito, este artigo tenta reconstituir a representação social da figura de Guaracy do Nascimento e sua atuação ao longo de 50 anos na capital mineira.

Uma apropriação da cultura clássica grega no *Carnaval* de Manuel Bandeira – Serena Rocha (Graduanda em Antropologia, UFMG)

Pretendo discutir neste trabalho alguns aspectos de apropriação da cultura clássica nos poemas do livro *Carnaval*, de Manuel Bandeira. As poesias que compõem essa obra são formuladas pelo sincretismo entre elementos carnavalescos da cultura brasileira e figuras da mitologia grega. Desse modo, algumas das alegorias criadas por Bandeira podem ser melhor entendidas se confrontadas com a poética clássica, uma vez que a apropriação do poeta permite explorar elementos comuns e opostos entre essas duas culturas. Procura-se para esta comunicação pensar a busca de fontes multifacetárias pelo poeta modernista, sobretudo sobre os temas concernentes a antiguidade clássica, como uma procura por construir uma forma autêntica de poetar, que discute as aspirações artísticas de sua própria época. O foco da análise se dará especialmente na relação entre o poema *Os Sapos*, do livro *Carnaval*, e a comédia *As Rãs*, escrita por Aristófanes. Tentarei demonstrar de que forma a apropriação de Bandeira constrói uma crítica de gêneros literários, em especial no que diz respeito às mudanças modernistas que ocorriam nas primeiras décadas do século XX.

Vontade de potência: o procedimento intempestivo – Michel Mingote Ferreira de Ázara (Doutorando em Estudos Literários, UFMG. Bolsista CAPES)

A novela *Um acontecimento na vida do pintor-viajante* do escritor argentino Cesar Aira acompanha os passos do pintor Joahan Moritz Rugendas em sua viagem realizada à Argentina, na primeira metade do século XIX. Tal viagem fora interrompida por um acontecimento que iria marcar a forma do pintor-viajante de representar a “paisagem natural” do país. As considerações intempestivas de Friedrich Nietzsche, além dos escritos de Gilles Deleuze sobre a arte e a linguagem servirão de referencial básico para a leitura da obra. Na obra de Nietzsche e também na novela de César Aira se configura a possibilidade de uma outra escrita da história, uma outra práxis historiográfica, que rompe o encadeamento linear, causal, contínuo. Na acepção Nietzscheana a intempestividade se dá através de certo grau de esquecimento, através da supremacia do instante, da transfiguração da história e de certa cegueira a-histórica daquele que é arrebatado do contínuo histórico. O pensamento Deleuziano contribuirá para que se pense o intempestivo enquanto devir, *Heccidade*, enquanto ruptura do mundo das significações dominantes, enquanto linha de fuga desterritorializante, que, no texto de César Aira, se encontra no devir-animal, no devir-louco, devir-demoníaco a que é arrastado o protagonista enquanto cria uma nova forma de apreender o acontecimento. Dessa forma, é através de certo estado a-histórico que literatura e pintura se entrelaçam, e, o corpo de Joahan Moritz Rugendas, após sofrer a descarga elétrica de um raio, se intensifica, se apresenta como corpo em devir, intenso, se apresenta como o próprio acontecimento, como vontade de potência, com o poder de afetar e ser afetado.

Índice de autores

Adriana dos Reis Silva.....	21
Adriane Vidal Costa.....	28
Alessandra Araújo de Souza.....	35
Alexandre Bellini Tasca.....	25
Alexia Teles Duchowny.....	31
Ananda Nehmy de Almeida.....	26
Anderson Borges.....	20
André Cabral Honor.....	17
André Tessaro Pelinser.....	22
Augusto Bruno de Carvalho Dias.....	42
Bárbara Siqueira Sena Dutra.....	16
Berttoni Licarião.....	40
Camila Lobato Rajão.....	27
Carmen Cristiane Borges Losano.....	44
Caroline Maria Drummond.....	44
Daniel Barbo.....	45
Débora Eliza Ferreira Calixto.....	30
Edson Junior Campos de Faria.....	14
Felipe Augusto Ribeiro.....	38
Fernanda Valim Cortês Miguel.....	47
Henrique Martins de Morais.....	17
Igor Cardoso.....	32
Jerônimo Cura Sobrinho.....	30
João Guilherme Dayrell de Magalhães Santos.....	46
Júlia Melo.....	24
Letícia Lopes Damasco.....	37
Letícia Malloy.....	15
Lívia Guimarães.....	24
Lorena Lopes da Costa.....	14
Luciana dos Santos Duarte.....	36
Luís Fernando Amâncio Santos.....	36
Luísa Barcelos.....	30
Luiz Arnaut.....	18
Luiz Morando.....	47
Mahira Caixeta Pereira da Luz.....	44

Márcio dos Santos Rodrigues.....	21
Márcio Ronei Cravo Soares.....	43
Maria Angélica Amâncio Santos.....	29
Maria Elvira Malaquias.....	23
Mariana Paes Leme.....	39
Mariana Silveira.....	33
Marília Carvalho.....	26
Mário Sérgio Pollastri de Castro e Almeida.....	23
Mateus Alves Silva.....	31
Matheus da Cruz e Zica.....	41
Michel Mingote Ferreira de Ázara.....	49
Natália Freire Azevedo.....	25
Natally Vieira Dias.....	30
Paulo Renato Silva de Andrade.....	19
Pedro Lüscher.....	37
Renata Moreira.....	40
Renato Messias Ferreira Calixto.....	30
Rogério Pereira de Arruda.....	28
Serena Rocha.....	48
Simone Fonseca Gomes.....	31
Tatiana Martins Mendes.....	43
Thiago Henrique Oliveira Prates.....	16
Vitor Cei.....	34
Warley Alves Gomes.....	16
Yara Augusto.....	34